



5578 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT06 - Educação Popular

Pedagogia de massas no neoconservadorismo
José Eustáquio Romão - UNINOVE / PPGE - UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

PEDAGOGIA DE MASSAS DO NEOCONSERVADORISMO

RESUMO

Este artigo tem como objeto o estudo a adesão das massas ao Neoconservadorismo em várias partes do mundo, especialmente na contemporaneidade brasileira. No período entre-guerras mundiais (1918-1939), quando se levantou, praticamente como voz isolada, o psicanalista marxista Wilhelm Reich, chamou a atenção para determinados instrumentos de análise que apontavam para o sentido contrário do que a maioria falava: o mundo caminharia para a direita. De fato, isso ocorreu: regimes totalitários, expressos pelo fascismo e pelo nazismo, dominaram boa parte do mundo de então. Na contemporaneidade, as análises propostas, sejam da esquerda, sejam da direita, tampouco parecem dar conta da explicação sobre a adesão das massas ao Neoconservadorismo. Lembrando Reich, parece ser necessário agregar outras metodologias e procedimentos científicos não convencionalmente usados para se dar inteligibilidade ao fenômeno. Além dos fatores sócio-econômico-políticos, há que se levar em consideração os pessoais (libidinais, segundo o jargão psicanalítico), para se compreender a Pedagogia de massas utilizada pelo Neoconservadorismo, bem como para se lhe resistir com uma educação e uma pedagogia emancipadora.

Palavras-Chave: Educação. Fascismo. Neoconservadorismo. Massas. Libertação.

1. Introdução: As Vítimas das Ortodoxias

As ortodoxias e os sectarismos causam males expressivos, tanto na teoria quanto na militância, porque só geram intelectuais preguiçosos e militantes cegos... ou mártires em ambos os segmentos. A este propósito, Paulo Freire fez uma interessante distinção entre radicalismo e sectarismo:

É que a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora.

[...] A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada. (2018, p. 43-44)[1].

Quando Wilhelm Reich escreveu *Die Massenpsychologie des Faschismus* 1933[2], acabou arrostando, de um lado, as baterias das patrulhas ideológicas marxistas e, de outro, as dos freudianos. Os primeiros o consideraram um representante do pensamento burguês; os segundos o tomaram como um traidor da Psicanálise.

A História comprovou, mais tarde, que Reich foi, talvez, o único pensador que estava com a razão a respeito da tendência política mundial da época. Eufóricos com a vitória do socialismo na Rússia (1917) e com o avanço socialista em vários países da Europa e da América Latina, os analistas dialéticos imaginaram que o mundo caminhava para a esquerda.

Reich já vinha sofrendo ataques das correntes de pensamento que tentava conciliar em uma extraordinária síntese: o Materialismo Dialético de Karl Marx e a Psicanálise de Sigmund Freud (v. ROMÃO, 1984).

Ao lado de Reich levantaram-se, mais tarde, poucas vozes[3] na comunidade socialista para alertar sobre os limites e os equívocos analíticos dos intelectuais de esquerda, demonstrando que a abordagem dos problemas histórico-sociais apenas com categorias econômicas, sociológico-históricas ou politológicas se mostrava insuficiente, sendo necessárias, também, ferramentas da Psicologia Social e da Psicanálise Social.

Em geral, os pensadores que tentam sínteses entre correntes de pensamento diversas acabam por atrair os ataques *omnilaterais*, quando, na verdade, buscam a superação de visões unilaterais que apenas iluminam uma face do objeto em análise[4].

A retomada das reflexões de Reich se justifica, ao final desta segunda década do século XXI, por causa da onda neoconservadora que grassa pelo mundo, tomando de surpresa os intelectuais de vários matizes, que lançam mão apenas das ferramentas analíticas tradicionais das ciências políticas.

O Neoconservadorismo, cuja expressão mais radical chega às raias do Fascismo e do Nazismo[5], tem se apresentado como reação às políticas de governos pós-neoliberais.

Os movimentos conservadores e reacionários sempre apelam para uma espécie de "totalitarismo epistemológico", invocando a neutralidade e a despolitização do discurso científico, na verdade, para defenderem um discurso único, apolítico, ideologicamente asséptico, como verdade única: evidentemente a própria. Assim, cabe fazer, antes de analisar o Neoconservadorismo, algumas considerações sobre as relações entre ideologia e ciência e sobre as contradições dos que se apresentam como não-ideológicos.

2. Verdade e Ideologia

O termo "ideologia" apareceu pela primeira vez na obra *Éléments d'Idéologie*, de Destutt de Tracy, em 1801, com

o sentido de “tratado sobre as ideias”. Depois, com a desqualificação de Napoleão Bonaparte, na perseguição aos iluministas, ganhou uma conotação epistemológica negativa, que se manteve em Marx e Engels e que permanece na ortodoxia de alguns pensadores marxistas contemporâneos. Neste sentido, a ideologia é concebida como conjunto de deturpações cometidas pela burguesia, para esconder a verdade e ter êxito na acumulação capitalista. Com Lênin, o vocábulo ganhou um sentido mais generalista, como sinônimo de “visão mundo”, e é com este significado que será usado neste trabalho.

Todas as classes sociais elaboram suas ideologias, a partir de suas respectivas posições nas relações de produção. Todos os seres humanos fazem opções ideológicas, com as quais marcam suas teorias e seus projetos de intervenção no mundo. Ninguém consegue a total “aspepsia ideológica”, nem em suas próprias formulações, nem em suas tentativas de construção de qualquer projeto de sociedade. O máximo que se consegue é diminuir, relativamente, o efeito ideológico das escolhas feitas nos interlocutores, por meio da prévia revelação das próprias opções ideológicas. Ao contrário do que prega o Positivismo, a neutralidade, a “aspepsia ideológica” não é possível, como diz determinado autor marxista:

Durkheim, como bom positivista^[6], crê que os “preconceitos” e as “pré-noções” podem ser “afastados” como afastamos um óculos escuro para ver mais claro. Ele não compreende que essas “pré-noções” (quer dizer, as ideologias) são como o estrabismo e o daltonismo. Parte integrante do olhar, elemento constitutivo do ponto de vista (LÖWY, 2018, p. 16).

É tampouco possível afastar os juízos de valor, restringindo-se ao campo dos juízos de fato. Quaisquer que sejam, os juízos estão sempre impregnados das escolhas feitas por seus respectivos emissores, a partir da consciência da classe a que pertencem. Se o emissor alerta seu interlocutor sobre suas próprias “pré-noções” e sobre suas opções prévias, prepara-o para receber criticamente as afirmações condicionadas por essas opções, diminuindo-se o efeito ideológico sobre o interlocutor. Quanto mais se esconde as próprias opções ideológicas sob a capa da “neutralidade”, mais ideológico se é; quanto mais se explicita a própria ideologia, menos ideológico se é.

Com todos os riscos das resistências raivosas, será às categorias analíticas reichianas que se recorrerá, neste trabalho, para se tentar construir uma racionalidade sobre a atração de massas às lideranças da onda neoconservadora, mesmo que elas conspiram contra a autonomia, a autoafirmação, à liberdade e à realização humana dessas mesmas massas.

3. As Contribuições Analíticas “Não-Clássicas”

Do lado da esquerda materialista, tenta-se estabelecer, sem sucesso, os nexos explicativos das opções ideológicas e das tendências políticas e eleitorais de determinados segmentos sociais burgueses e pequeno-burgueses, aderentes ao Neoconservadorismo, apenas com base nos conceitos de luta de classes e de determinação econômica em última instância. A maioria dos teóricos materialistas histórico-dialético recusa-se a admitir que outros fatores e indicadores de ordem não-econômica poderiam ajudar a esclarecer comportamentos mais ou menos imprevisíveis. O recurso a esses fatores não significa o abandono das categorias clássicas do Materialismo Histórico-Dialético.

Da mesma forma, psicanalistas clássicos analisam todos os comportamentos à luz da repressão às pulsões sexuais e explicam os avanços civilizatórios por meio dos instintos sexuais sublimados. Neste caso, as realizações culturais somente poderiam ser compreendidas como produtos de relações que têm, de um lado, a sociedade como instância repressora e, de outro, o indivíduo como agente impulsivo e vivendo o dilema da luta de Eros e Thanatos em sua subjetividade mais íntima (v. FREUD, 1968, p. 1-65, v. III).

Nessas perspectivas, os seres humanos não devem ser apreendidos em sua essência metafísica, mas captados em sua historicidade, em sua existência concreta, pessoal e coletiva.

A visão de mundo é elaboração exclusiva das classes sociais, porque os demais segmentos sociais, que não são classes sociais, por causa de sua posição não claramente definida nas relações de produção, como é o caso da pequena burguesia e do campesinato^[7] na sociedade burguesa, não desenvolvem visão de mundo específica. Sua visão de mundo se compõe de elementos das visões de mundo das classes sociais em luta^[8]. Esses segmentos de classe oscilam, de acordo com as conjunturas históricas, como é o caso da pequena burguesia oscila que, ora pende para a burguesia, ora para o proletariado.

Essa digressão sobre a impropriamente chamada “classe média” foi aqui feita porque sua juventude tem sido o principal alvo das políticas neoconservadoras.

3. A Contribuição Analítica de Wilhelm Reich

Qual a contribuição mais específica de Reich para a elucidação da onda neoconservadora e da atração que ela tem provocado em tantas pessoas, apesar das ameaças que ela representa para o Estado de Direito e para a democracia?

Quando Reich analisou a ascensão do Nazismo na Alemanha do entre-guerras, registrou:

O nacional-socialismo é nosso inimigo mortal, mas só podemos vencê-lo se atribuirmos a seus *pontos fortes* o justo valor e se tivermos a coragem de os proclamar. Podemos dispensar métodos mesquinhos; a demagogia grosseira é sempre um sinal de fraqueza teórica e prática e, a nada levando, é objetivamente contra-revolucionária (1974, p. 6).

O mesmo se pode dizer das invectivas da militância de esquerda contra o Neoconservadorismo^[9] hodiernamente. Não há que subestimá-lo, nem atribuir seu sucesso à “loucura” das massas que, por uma inexplicável “Síndrome de Estocolmo Coletiva”, ofereceria grilhões a seus próprios carcereiros.

Se “Freud e a maioria dos seus seguidores recusam as consequências sociológicas da Psicanálise e procuram ativamente não sair fora do âmbito da sociedade burguesa” (*id., ibid.*, p. 8) e se a maioria dos marxistas se recusa a incorporar as implicações psicológicas da História-Sociológica Materialista, fechando os olhos aos componentes do sistema simbólico-afetivo das classes, neste trabalho, tentar-se-á sintetizar as racionalidades capazes de iluminar as múltiplas faces desse fenômeno tão complexo: as massas apoiando seus próprios carrascos.

O Neoconservadorismo vem ganhando dimensões mundiais. Por isso, não se deve repetir a falha da “Internacional Operária, quando da eclosão da guerra mundial e do esmagamento do levante revolucionário de 1918-1923 fora da Rússia” (*id., ib.*, p. 9), que atribuiu a expansão do Nazi-Fascismo a característica de epifenômeno naturalmente cíclico. A ascensão da direita no entre-guerras não constituiu uma mera explosão histórica no contexto de uma crise efêmera; ela integrou a estrutura do Capitalismo, em um novo contexto da acumulação.

Na época em que Reich escreveu a *Psicologia de massas do fascismo* (1974), ele assim alertou os companheiros de partido:

As formas pelas quais se efetuou a tomada do poder pelo nacional-socialismo deram ao socialismo internacional uma lição que não podemos esquecer: ou seja que, para vencer a reação política, não são precisas frases, mas um saber efetivo, não apelos, mas o despertar de um entusiasmo revolucionário autêntico, não aparelhos de partidos burocratizados, mas organizações de trabalhadores

que pratiquem a democracia convictos (1974, p. 5).

interna e que deixem o campo livre a todas as iniciativas, e tropas de combatentes

Embora a história só se repita enquanto farsa, como dizia Marx^[10], para que ela não se repita, nem como farsa, é muito importante examiná-los e verificá-los em relação ao que se está vivendo na atualidade.

Hoje, lamentavelmente, o Neoconservadorismo também triunfa sobre as propostas socialistas, na mais profunda crise e no mais brutal processo de acumulação capitalista.

É preciso analisar a relação entre ciência e política:

A ciência é inimiga mortal da reação política. Mas o sábio que pensa salvar a existência sendo prudente e "apolítico" e que, vendo mesmo os mais prudentes expulsos e presos, não soube extrair a lição desses fatos, este sábio já não pode ter a pretensão de ser tomado a sério e participar mais tarde na reconstrução efetiva da sociedade. [...] O seu apolitismo é um elemento da força da reação política e ao mesmo tempo da própria ruína (REICH, 1974, p. 7).

Qualquer corrente de pensamento que não se renovar, analiticamente, a cada novo fenômeno histórico-social, passando ao largo das forças históricas que apontam para a transformação social, estará fadada ao fracasso.

As correntes conservadoras e reacionárias sempre buscaram se apropriar das potencialidades e das forças histórico-sociais que constituem obstáculo à emancipação, à transformação social e à revolução.

A impropriamente denominada "classe média" em geral não constituiu foco das análises dos intelectuais da esquerda, até porque, considerada, por eles, como "não-classe", a "pequena burguesia" quase sempre foi desprezada pelas análises marxistas, já que o motor da história é a luta de classes. Pelo contrário, o alvo preferido dos neoconservadores tem sido exatamente esses segmentos sociais que, ambíguos e oscilantes ideologicamente, podem definir o desequilíbrio da balança política.

Como a carga de neuroses é muito pesada nos ombros desse segmento social, cabe demonstrar, como Reich o fez, que "as neuroses são o resultado de uma educação familiar patriarcal e repressiva no que se refere a questões sexuais..." (REICH, 1979, p. 13). Acrescenta que o mais importante é a profilaxia das neuroses e que, lamentavelmente, nas estruturas da sociedade burguesa ela se torna impossível, exigindo, portanto, "o derrube radical das instituições e ideologias sociais (derrube que depende do êxito das lutas políticas...)" (*id.*, *ibid.*). Conclui peremptoriamente:

Que tem isso a ver com a técnica da terapia individual? Para estudar as estruturas humanas de maneira adequada à profilaxia das neuroses é necessário o aperfeiçoamento das técnicas analíticas. [...] Quando em qualquer outro ramo da medicina, queremos combater uma epidemia, concentramos todos os nossos esforços na investigação e explicação de casos típicos e individuais da doença, empregando os métodos mais adequados e procurando estabelecer normas e instruções sobre higiene social (REICH, 1979, p. 13).

O que Reich está explicando e, de certa forma justificando, é que estudos sobre fenômenos individuais não podem ser desprezados, mas, pelo contrário, incluídos na compreensão dos fenômenos sociais. Se na perspectiva materialista dialético-histórica os seres humanos são "... autores da sua própria história, dependendo de certo condicionalismo econômico e de certas predisposições..." (*id.*, *ibid.*, p. 14), a relação dialética entre o protagonismo pessoal e as condições sócio-históricas não pode ser esquecida. Reich conclui sobre este ponto: "... cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir" (*id.*, *ibid.*). Assim, as contribuições analíticas da Psicologia e, mais especificamente, da Caracteriologia, podem ajudar no desvendamento de comportamentos aparentemente incompreensíveis, já que sua tarefa pode ser a de analisar a transformação e reprodução de processos histórico-sociais em processos de estruturação psíquica e ideológica. "Ideológicos" porque, embora a ideologia tenha sua origem na consciência de uma determinada classe social, ela se manifesta concretamente nos indivíduos que pertencem a essa classe. Cabe lembrar, porém, que, o confronto dialético dos contrários (social e pessoal), não se processa de maneira mecânica e direta: "... a estrutura social e econômica de uma sociedade age sobre a formação do caráter de seus membros de um modo indireto, muito complexo" (*id.*, *ibid.*, p. 17). Um exemplo da compreensão dessa complexa relação pode ser buscado na Nova Política Econômica (NEP), que foi implantada na Rússia, após o sucesso da Revolução de 1917: acostumados à propriedade privada da terra, ou sonhando com ela, os camponeses russos certamente resistiriam à coletivização da propriedade agrária, por causa da estrutura caraterial consolidada em sua personalidade nos séculos anteriores do regime czarista. Lênin compreendeu isso perfeitamente e recuou: deu "um passo atrás, para", mais tarde, "dar dois à frente". Era um recuo tático, durante o comunismo de guerra, permitindo práticas capitalistas na sociedade socialista por causa da ideologia consolidada (estrutura caraterial), nos camponeses russos, da apropriação privatista da terra. Em suma:

Torna-se assim evidente a importância de um conhecimento exato dos mecanismos que condicionam a situação econômica, a vida dos instintos, a formação do caráter e a ideologia, o que possibilitaria um grande número de medidas práticas, **sobretudo no campo da educação**, e decerto até na **maneira de influenciar as massas** (REICH, 1979, p. 19).

Os dois destaques foram introduzidos no texto original da citação, porque se quer chamar a atenção para o fato de que a "manipulação" debitada na conta dos neoconservadores significa, na realidade, a utilização competente, por eles, de uma verdadeira pedagogia de massas.

A partir de agora, cabe identificar que noções, conceitos e categorias orientam a mobilização teórica e concreta das massas pelas lideranças do Neoconservadorismo.

3.1. A Questão Sexual e a Política

Concordando com Freud, Reich considerou que a sociedade reprime os impulsos sexuais, provocando o mal-estar humano. Discordando dele, considerou que a multiplicação de clínicas e de terapias não resolveria o problema e que somente a transformação estrutural da ordem social repressora resolveria o problema definitivamente. Reich afastou-se mais de Freud por não ver saída na sublimação, como forma de superação das patologias provocadas pela repressão social. Na perspectiva reichiana, a repressão sexual não é um problema moral, mas uma questão profundamente política. Percebe-se aí a hipocrisia da sociedade burguesa, em que os pregadores da moral e da abstinência convivem, olímpicamente, com a sórdida exploração sexual que contamina os alvos da repressão mais violenta: em geral, as crianças e os(as) adolescentes. Reich escreveu firmemente: "Estamos resolvidos a convencer também estes jovens que obedecem obscuramente e confusamente aos pregadores da moral tal como estes últimos a entendem e que, assim fazendo, causam a sua própria ruína" (1975, p. 21-22).

Embora escrito em 1913, **O combate sexual da juventude** é muito atual, porque parece ter sido escrito, didaticamente, para jovens trabalhadores sobre-explorados e sub-informados dos dias de hoje, ou para os desempregados que perambulam pelas ruas de nossas cidades à procura do primeiro emprego e que, ao mesmo tempo, são capazes de engrossar as fileiras das massas reacionárias que bradam palavras de ordem em defesa de um Estado Autoritário que, certamente, os prejudicará. Compreender essa contradição é tarefa urgente, para se poder construir as estratégias e as táticas de reversão do processo de alienação.

3.2. Repressão Moral e Desenvolvimento Pessoal

Há uma evidente relação entre repressão moral e atraso da maturidade psíquica. Segundo Reich, na vida afetiva, “não há senão três possibilidades: relações sexuais, onanismo ou abstinência” (1975, p. 53). As duas primeiras permitem o equilíbrio emocional; a última, imposta pelos padrões da moral burguesa, leva ao desequilíbrio e aos comportamentos patológicos que se traduzem em moralismo, fundamentalismo e violência.

Escapa aos limites deste artigo o desenvolvimento da etiologia, da sintomatologia e da terapia recomendadas, para a compreensão da transformação da dor provocada pela repressão em complexo de culpa e, finalmente, em comportamento individualmente masoquista e socialmente sádico.

3.3. O Autoritarismo e Totalitarismo

Anna Harendt estabeleceu diferenças entre Autoritarismo e Totalitarismo, na obra **Origens do Totalitarismo** (2013). Já em 1949, afirmava: “É muito perturbador o fato de o regime totalitário, malgrado o seu caráter evidentemente criminoso, contar com o apoio das massas” (*ibid.*, p. 339, nota de rodapé). Esclareceu que, apesar de muitos analistas atribuírem esse apoio à sedução da força da propaganda e da lavagem cerebral, Arendt informa que estudos posteriores demonstraram que não é bem assim; que a população alemã da época estava perfeitamente ciente das atrocidades cometidas e que ainda iriam cometer os nazistas e, mesmo assim, apoiou o Nazismo. O que a autora quer dizer é que é preciso analisar mais profundamente o fenômeno do Totalitarismo, em que, diferentemente do Autoritarismo, as massas são co-protagonistas das irracionalidades e das atrocidades cometidas. O Totalitarismo alimenta-se da mobilização das massas que, se imobilizadas, tendem a esquecer rapidamente seus líderes, explicando o magnetismo das lideranças carismáticas totalitárias sobre as massas em movimento:

O fascínio é um fenômeno social, e o fascínio que Hitler exercia sobre o seu ambiente deve ser definido em termos daqueles que o rodeavam. A sociedade tende a aceitar uma pessoa pelo que ela pretende ser, de sorte que um louco que finja ser um gênio sempre tem certa possibilidade de merecer crédito, pelo menos no início. Na sociedade moderna, com a sua falta de discernimento, essa tendência é ainda maior, de modo que uma pessoa que não apenas tem certas opiniões, mas as apresenta num tom de inabalável convicção, não perde facilmente o prestígio, não importa quantas vezes tenha sido demonstrado o seu erro. [...] A arbitrariedade de tal atitude exerce um forte fascínio sobre a sociedade porque lhe permite salvar-se da confusão de opiniões que ela mesma constantemente produz (*ibid.*, p. 355).

O Totalitarismo (com maiúscula) é um regime político específico no qual o Estado passa a ser controlado por uma classe social, personificada em uma liderança carismática, facção ou partido político, que não reconhece nem aceita qualquer limite à sua autoridade, regulando, nos mínimos detalhes, a vida privada e determinando uma maneira única de pensamento e de expressão.

Em síntese, Arendt vê, por um lado, elementos comuns entre Autoritarismo e Totalitarismo, tais como a fragilização e submissão dos poderes legislativo e judiciário ao executivo e a repressão a qualquer oposição e, por outro, aponta diferenças importantes como a apatia e a despolitização, no primeiro e a mobilização e o ativismo militante alienado das massas, no segundo.

Como nos autoritarismos, o Neoconservadorismo concebe e potencializa, mas disfarça, pautas totalitárias com a aparência de positivas. Aliás, “o papel da propaganda [nestes regimes] é ocultar os objetivos claramente problemáticos de políticos ou de movimentos políticos, mascarando-os com ideais amplamente aceitos” (*id.*, *ibid.*, p. 37).

3.4. Nacionalismo

O nacionalismo nasceu como contrafação do sentimento de coletividade da classe trabalhadora, forjado por intelectuais orgânicos da burguesia para mascarar o verdadeiro coletivo de classe. Na fase anterior, no processo de acumulação primitiva (pré-capitalista), os produtores diretos eram proprietários dos meios de produção e vendiam os resultados de suas manufaturas à burguesia emergente, no chamado “Sistema Doméstico”. O burguês tinha de “comprar”, por exemplo na produção têxtil, o algodão e, na sequência, contratar, por empreitada, o trabalho artesãos (descaroçador, fiador, tecelão, pisoeiro e tintureiro) que trabalhavam em casa, usando seus próprios equipamentos. Com o passar dos anos, este mesmo burguês percebeu que podia adquirir os equipamentos, reuni-los em um mesmo local e contratar os produtores diretos, que lhe venderiam apenas a força de trabalho, nascendo, assim, em Londres, nos fins do século XVIII o sistema fabril. Esse processo “separou” os produtores diretos dos meios de produção e concentrou-os na fábrica, transformando-se a força de trabalho em mercadoria e implantando-se a exploração da mais-valia. A burguesia descobria uma mercadoria que, uma vez consumida, gerava mais riqueza: a força de trabalho não seria mais remunerada proporcionalmente ao valor dos bens que produzia, mas, de acordo com sua capacidade concorrencial no mercado de trabalho. Nesse contexto de exploração e sofrimento comum, nasceu e se fortaleceu o coletivo de classe, a consciência classista, que passou a ameaçar os interesses burgueses. Imediatamente, a burguesia criou um outro consciente coletivo (uma abstração) de pertencimento: a Nação, que obnubila o coletivo autêntico (consciência de classe) dos explorados.

3.5. Corporativismo

Carrol Quigley deu uma explicação bastante interessante sobre o corporativismo. Ele segmentou os diversos setores de uma formação social, enumerando-os em seis “níveis da cultura”: intelectual, religioso, social, econômico, político e militar (1963, p. 64).

Segundo esse historiador (*op. cit.*, p. 65), há a possibilidade de ascensão de uma civilização graças a apenas a um “instrumento de expansão”, atuando dinamicamente em um dos seus “níveis”. Segundo ele, cada formação social cria instrumentos de expansão que se responsabilizam pelo desenvolvimento da civilização como um todo, compensando outros níveis que não têm instrumento de expansão, ou cujos instrumentos não sejam tão dinâmicos. Quando o instrumento de expansão não mais atende aos interesses coletivos, mas apenas aos de um segmento social, que passa a monopolizá-lo, ele se “institucionaliza”, levando a civilização à decadência. Exemplifica com o caso da infantaria romana na Antiguidade, cujos oficiais não quiseram modernizar o exército, transformando sua força principal (infantaria) em cavalaria. “A incapacidade dos homens de guerra de reorganizarem suas ideias e transformarem suas forças de infantaria em cavalaria foi um dos fatores vitais na substituição da Civilização Clássica pagã pela Civilização Ocidental cristã” (*id.*, *ibid.*, p. 67).

Essa ligeira digressão sobre a “corporativização” é importante para quem estuda qualquer forma de regime autoritário, como é o caso do Neoconservadorismo, uma vez que uma de suas categorias básicas é o corporativismo.

Na primeira metade do século XX, quando os governos fascistas tomaram o poder na Alemanha e na Itália, não se permitia a representação partidária nos parlamentos, mas as representações corporativas.

Se a “corporativização” de um instrumento de expansão pode levar uma formação social à decadência, o que dizer de uma tendência que busca implantá-la em toda a sociedade? Não tem sido esta a tendência de todos os regimes neoconservadores contemporâneos, cujas lideranças defendem teses e tomam iniciativas que, frontalmente, contrariam as constitucionalidades, instaurando o processo de corporativização, sutil e persiste, como é o caso das chamadas

“bancadas” que respondem por interesses de segmentos sociais específicos: do agronegócio (“do boi”), evangélica (“da bíblia”), policial e militar (“da bala”) etc, no caso do Brasil?

3.6. Pequenas Burguesia, Juventude e Psicologia de Massas

Nas suas bases psicossomáticas, o sentimento de culpabilidade, medo e arrependimento, deriva da:

... subalimentação corporal [que] retarda a maturação; a tal ponto que se vê frequentemente rapazes e moças proletárias de 14, 15, 16 anos parecerem corporalmente jovens de 10 anos e para o resto, a velhos, em função da miséria, das privações e das condições de vida miseráveis; vê-se pelo contrário, nos jovens burgueses que são frequentemente bem alimentados indivíduos tendo uma maturidade corporal superior à sua idade cujo aparelho psíquico é retardado e infantil (REICH, 1975, p. 53).

Pode-se acrescentar que além dos recalques conducentes às neuroses, a repressão ocorre de modo diferente em cada uma das classes sociais. Assim, se a juventude burguesa e a juventude pequeno-burguesa apresentam um retardo psíquico, a juventude trabalhadora apresenta “precocidades” sexuais decorrentes de sua inserção nas relações de produção e condições de vida em geral. A tendência maior à massificação alienante nos dois primeiros segmentos juvenis e uma resistência mais consciente no último, certamente resulta da maior ou menor maturação emocional que, por sua vez, é produto de relações sexuais mais ou menos saudáveis. Assim, o recrutamento da juventude trabalhadora pelos neoconservadores é muito mais difícil.

Neste aspecto, Reich não hesita em exortar:

Devemos tentar, com todas as nossas forças, persuadir a massa dos jovens que os seus conflitos masturbatórios, os seus sentimentos de culpabilidade, as suas perturbações, os seus delírios sexuais, não são falta sua nem herdados, mas essencialmente consequências da ordem sexual burguesa capitalista (*id.*, *ibid.*, p. 61).

As perturbações nas relações sexuais, como a impotência (ereção defeituosa ou incompleta), a ejaculação precoce, as perturbações na sensação de prazer, a frigidez, transformam-se em patologias emocionais que acabam por constituir o combustível para a alienação e para a “consciência fanatizada”, como a denominou Paulo Freire (1959, p. 133 - Anexo I). Cabe lembrar que, segundo Reich, “as perturbações da sexualidade estão em geral muito mais espalhadas nas moças e nas mulheres que nos rapazes e nos homens” (*id.*, *ibid.*, p. 81).

Uma das mais importantes estratégias da sociedade burguesa é a limitação da liberdade da atividade psíquica e da consciência crítica, pela via da repressão sexual. Assim, os próprios reprimidos e oprimidos, acabam assumindo as pautas das causas de sua própria agonia, porque, ao ganharem a chancela de “pessoas de bem” e de “pessoas ajuizadas”, na verdade assumem o protagonismo da tragédia que vivem.

Considerações Finais Inconclusas, Incompletas e Inacabadas

A desgraça da existência humana está na consciência de sua incompletude, inconclusão e inacabamento. Ela reside também no fato de que, ao dever tender para a completude, para a conclusão e para o acabamento, o ser humano chega à conclusão de que jamais poderá atingi-los. Essa tragédia só pode ser superada pela esperança “ontológica”, pela esperança ativa e histórica. Ela não pode ser alcançada pela “esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica”, porém, por aquela que não se confunde com “pura teimosia mas [que se objetiva] por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 1992, p. 10) [pois], “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (*id.*, *ibid.*, p. 11). Em suma, a esperança que se confunde com espera pode virar desespero.

A tríade incompletude/inconclusão/inacabamento, banhada de esperança, obriga-nos a reconhecer que pela educação política poder-se-á interromper a marcha da insensatez que tomaram as massas contemporâneas, de modo especial boa parte da juventude.

Não há como não reconhecer que os inspiradores da onda neoconservadora lançaram mão de uma pedagogia capaz de arrebanhar massas, especialmente massas juvenis burguesas e pequeno-burguesas, referenciada numa apurada análise psicológica de suas reações comportamentais a estímulos construídos sobre os alicerces de frustrações, por sua vez, provocadas pela repressão moralista de que os neoconservadores são os autores.

Da mesma forma, a recuperação da lucidez e a possibilidade da saída do mundo das trevas só será viável com a clarividência científica sobre o que ocorreu e vem ocorrendo nos contextos da histeria neoconservadora contemporânea, para se reconstruir o processo educacional conscientizador e emancipador.

É sintomática a resistência dos neoconservadores a qualquer inteligibilidade, desqualificando a qualquer formulação dos(as) intelectuais. Parafraseando Adorno e Horkheimer (1985, p. 19), sabe-se que, no Capitalismo, todo conhecimento científico crítico torna-se suspeito.

É evidente que a auto-regulação definitiva da vida sexual, de jovens e de adultos, não é possível numa sociedade que esgota as forças corporais da maioria de sua população no excesso do trabalho repetitivo, mecânico e desumanizante, além de propagar uma “educação” (ou deseducação) sexual moralista que destrói a capacidade humana de satisfação sexual e, portanto, de saúde mental e afetiva.

Quanto mais se penetra no campo da direita, mais se vê a defesa intransigente da ideologia da castidade e a contrafação da pulsão sexual transformada em fanatismo religioso, que condena qualquer discussão histórico-científica das questões de gênero, por exemplo.

Confessando, por motivos óbvios, a inconclusão/incompletude/inacabamento deste trabalho, o autor não pára aqui e continua trabalhando, duramente, em um texto mais longo, no qual tentará desvendar os mecanismos sugeridos por Wilhelm Reich e que evidenciam as profundezas da alma humana, especialmente quando ela processa repressões e as transforma em ferramentas de acomodação e alienação, ou as transfigura em armas da resistência, da conscientização e da libertação.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, MAX. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 8. ed., Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**: o manuscrito. São Paulo: Ed. Uninove; Ed,L; BT Acadêmica, 2018.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. Recife: Edição do Autor, 1959.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Tradução Ramon Rey Ardid, Madrid: Biblioteca Nueva, 1968, v. III.

GOLDMANN, Lucien. **Marxisme et sciences humaines**. Paris: Gallimard, 1970.

GOLDMANN, Annie; Michal Löwy; NAÏR, Samir. **Le Structuralisme Génétique**: l'oeuvre et l'influence de Lucien Goldmann. Paris: Denoël-Gonthier, 1977.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**: São Paulo: Ática, 1978.

KONDER, LEANDRO. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael. **Marxismo contra Positivismo**. São Paulo: Cortez, 2018.

PRÉLOT, Marcel. **La Science politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

QUIGLEY, Carroll. **A evolução das civilizações**: uma introdução à análise histórica. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massa no Fascismo**. Tradução J. Silva Dias, Porto: Publicações Escorpião, 1974.

_____. **Análise do caráter**. Tradução Maria Lizette Branco; Maria Manuela Pecegueiro, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. **O combate sexual da juventude**. Tradução Jorge Silvano, Porto: Dinalivro, 1975.

ROMÃO, José Eustáquio. Materialismo Dialético e Psicanálise *in* **Educação e Sociedade**, v. 7, n. 17, p. Campinas, 1984, p. 106-113.

_____. A questão da Ideologia. *In*: _____. SANTOS, José Eduardo de Oliveira (org.). **Questões do Século XXI**. São Paulo: Cortez, 2003, p. (Col. Questões da Nossa Época, v. 100, t. I).

[1] Todas as citações de *Pedagogia do oprimido* serão extraídas da edição fac-similada do manuscrito da obra, com o objetivo de disseminar, a partir de agora, a versão “decentemente autêntica” da obra mais importante de Freire. Esta qualificação dessa edição se justifica porque o próprio Freire considerou como “primeira decente” a 17a. edição brasileira que ele mesmo revisara. Nela, entretanto, certamente ainda ficaram erros e que somente poderiam ser superados no confronto com o manuscrito, que Freire tanto quis rever, mas, infelizmente, não pôde fazê-lo em vida.

[2] Traduzida como *Psicologia de massa do Fascismo* (1974). Reich aí inclui o Nazismo no “Fascismo”, dando maior generalidade ao termo. Sabe-se que o Nazismo apresenta singularidades que o diferem do Fascismo italiano. Neste sentido, talvez, o título mais apropriado da obra devesse ser “Psicologia de massa no Nazismo”.

[3] Mais de uma década depois, a ele se somaram Adorno e Horkheimer que, já no final da II Guerra Mundial, publicaram a *Dialektik der Aufklärung*: philosophische Fragmente (1944) com o intento de “descobrir porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

[4] Wilhelm Reich (1897-1957), ajudou a inovar a Psicanálise a partir de 1919, criando, com o apoio de Freud, o Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena. Em 1923, entrou para o Partido Comunista da Áustria, inovando, também, as teorias marxistas. Em 1931, criou a “Berlim Sexpol”, visando a luta da juventude operária alemã pela emancipação econômica, política e sexual. Sobre o tema já havia escrito, em 1913, *O combate sexual da juventude* (1972). Foi expulso, em 1934, da Sociedade Freudiana e da Associação Psicanalítica Internacional. Ao publicar a *Análise do caráter* (1979) e *Psicologia das massas do Fascismo* (1974), foi expulso do Partido Comunista. “Exilado” nos Estados Unidos, a partir de 1939, passou a ser investigado pelo FBI. Processado, em 1954, acabou condenado e preso, em 11 de março de 1957. Faleceu na Penitenciária Federal de Lewisburg, na Pensilvânia, no dia 3 de novembro do mesmo ano, tendo seus livros e instrumentos de pesquisas destruídos.

[5] Não se pode confundir Fascismo com Nazismo, já que ambos apresentam especificidades, apesar de seu substrato totalitário comum. No Fascismo, por exemplo, o racismo não teve a importância que lhe conferiram os ideólogos do III Reich.

[6] Aliás, não somente um representante do pensamento positivista, mas seu verdadeiro referencial no campo da teoria do conhecimento, com *As regras do método sociológico* (1977).

[7] Aqui distinguidos dos lavradores, que são os trabalhadores assalariados do campo.

[8] Não se pode esquecer que, em uma mesma formação social, podem ocorrer diferentes modos de produção simultaneamente, mas, que apenas um deles é o modo de produção hegemônico. Assim, por exemplo, durante a hegemonia do Modo de Produção Escravismo Moderno – que Jacob Gorender (1978) denominou “Escravidismo Colonial” –, houve ocorrência de relações do Modo de Produção Feudal, ou até mesmo capitalistas, mas todas elas estavam submetidas à hegemonia das relações escravocratas modernas.

[9] Grafado em maiúscula por ser considerado neste texto como uma corrente de pensamento específica e, portanto, deve ter nome próprio.

[10] No primeiro parágrafo do **18 Brumário de Luís Bonaparte** Karl Marx afirmou: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (2011, p. 25).